

## ARTES VISUAIS

Fotógrafo Eder Chiodetto lança hoje, no Museu Histórico Abílio Barreto, o livro de imagens "O lugar do escritor", sobre os ateliês de ficcionistas brasileiros, além da coleção Fotoportátil

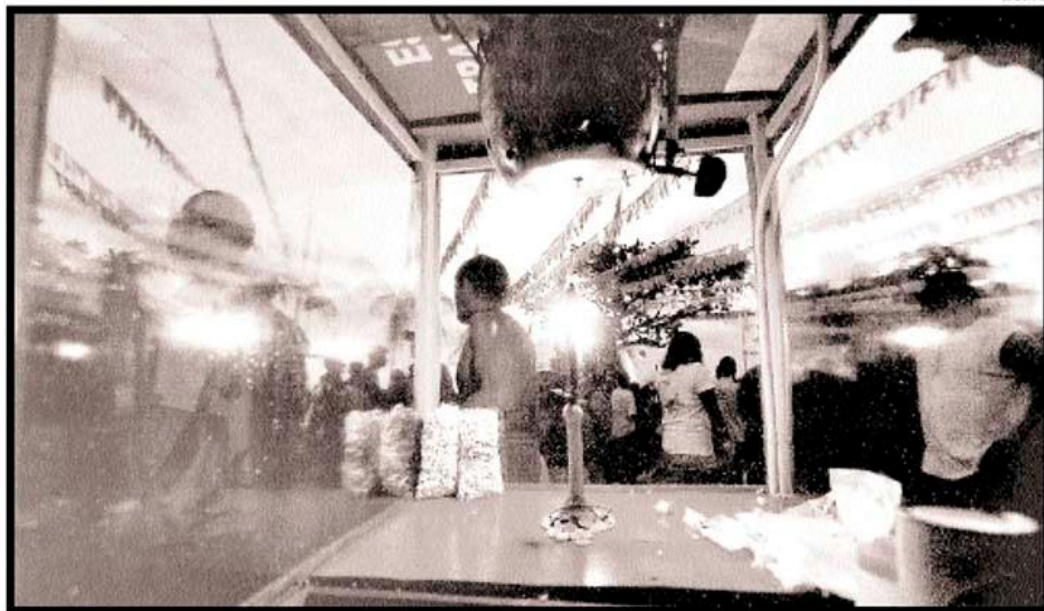
# Longe do mundo real

WALTER SEBASTIÃO

Como nasce uma história? De onde surgem os personagens? Porque o desejo ou a necessidade de isolamento do escritor? O ambiente de trabalho pode ser um trampolim para o imaginário nesta viagem que é a criação literária? Perguntas, dúvidas, curiosidade que o fotógrafo paulista Eder Chiodetto, de 40 anos, tinha quando resolveu fazer *O lugar do escritor* (Cosac & Naif), prêmio Jabuti de 2004 na categoria Arquitetura, Fotografia, Comunicação e Artes. O volume, que vai ser lançado hoje, às 19h, no Museu Histórico Abílio Barreto, como parte da programação do projeto Foto em Pauta, traz imagens de 36 escritores brasileiros em seu ambiente de trabalho.

Eder viu de tudo: espaços grandes ou pequenos, desorganizados ou organizadíssimos, a maioria com objetos ligados à cultura e à arte, mas um quase totalmente vazios, só com cama e banheira de hidromassagem. E soube das manias de cada um ao escrever. Tem quem se isole. Quem ouça música ou rádios e os que não toleram qualquer ruído. Há os que ainda usam máquina de escrever e os que preferem escrever à mão, em qualquer lugar, inclusive na rua. Mas a resposta para as perguntas que estiveram na origem do projeto foi inesperada: "O escritor vai para o escritório para apagar o mundo real, para escrever sobre o que não vê e dialogar com o que não existe", explica, dizendo que a influência do local de trabalho na criação é nenhuma.

"A criação literária é produto de concentração intensa, de autodisciplina para criar uma história. Por isso, não se vê a maioria dos escritores badalando em exposições, na revista *Caras*", obser-



Fotografia de Luiz Braga, que integra a coleção Fotoportátil, editada por Eder Chiodetto, que também tem lançamento hoje, no Abílio Barreto

va Chiodetto, detectando algo de penitência na imersão no trabalho e qualquer coisa de prisão no escritório do escritor, onde eles permanecem tempos e mais tempos. Um exemplo: Hilda Hilst se coloca na obrigação de, ao acordar, escrever 500 palavras e só depois sair do quarto. O ambiente de trabalho dela impressionou o fotógrafo pela luz lúgubre, o ambiente caótico e construção, quase de altar, para as fotos de pessoas queridas. Acrescenta-se um relógio quebrado no qual está escrito: "É mais tarde do que supões".

Surpreendente, observa Eder Chiodetto, é o escritório de Luiz Fernando Veríssimo: "Conside-

rando os textos dele, eu achava que era alguém extrovertido, que vivia em botecos a observar os tipos que descreve. Ele é tímido, embora afável e simpático, escreve num porão, com pouca luz, da casa onde também morou o pai (Érico Veríssimo). Parece uma caverna", conta. O livro surgiu de trabalho para um jornal paulista que, mais tarde, tornou-se pesquisa autoral. A opção por fotografar ficcionistas veio do fato de serem personagens que, para criar seus trabalhos, "partem do zero e têm como base só a sua imaginação e o branco da folha ou da tela do computador".

"Não é livro de retratos", avisa Eder Chiodetto, explicando que

seu interesse é pela atmosfera dos escritórios. Para realizar as fotos, leu dois livros de cada autor convidado e pediu para passar um dia com eles. "Como era foto de cunho quase antropológico, precisava de alguma intimidade. Tinha de quebrar a pose feita, de desmontar a cara para ser fotografada. As melhores fotos surgiram de momentos em que eles se esqueceram de mim e estavam absorvidos na sua atividade", conta. "Se as imagens revelam alguma coisa é a solidão e a obstinação de cada um deles em construir a sua obra. Comecei procurando uma receita de como escrever sem sofrer tanto, mas vi que não existe, todos os

escritores sofrem", revela.

**COLEÇÃO** Eder Chiodetto está em Belo Horizonte para lançar também a coleção Fotoportátil (Cosac&Naify), da qual ele é o editor, cujos primeiros seis volumes trazem ensaios de um grupo de ótimos fotógrafos. São eles: Luiz Braga, Cris Bierrenbach, Rosângela Rennó, Antônio Saggese, Eustáquio Neves e Raul Garcez. "O objetivo é criar obra de referência sobre a fotografia brasileira. Gostaria, por um lado, de melhorar a qualidade do conhecimento da fotografia, publicando volumes que trazem ensaios visuais, biografia do autor e texto de um convidado sobre a obra. E, de ou-



João Ubaldo por Eder Chiodetto

tro, oferecer trabalhos de qualidade, bem impressos e a preços acessíveis. Livro de fotografia no Brasil é muito caro", afirma.

Com relação à fotografia no Brasil, Eder Chiodetto considera que o país tem bons fotógrafos em todos os setores e, em especial, "no documentário, na pesquisa de artes visuais e ótima escola de foto-jornalismo". "O que falta é mercado editorial que dê conta dessa produção. E temos poucas escolas", observa Chiodetto, lembrando que só recentemente foi criada a Faculdade de Fotografia, do Senac, em São Paulo, a primeira da América Latina. Para o editor, boa foto "é a que emociona - já tive a ilusão de que era a que concilia informação precisa com harmonia plástica, mas não acredito mais nisso". Fotógrafos que ele admira: os brasileiros Miguel Rio Branco e Rosângela Rennó, a norte-americana Nan Goldin. Cada volume da coleção Fotoportátil sai a R\$ 29,50 ("queria mais barato, mas não dá", avisa).

#### O LUGAR DO ESCRITOR

Lançamento do livro de imagens de Eder Chiodetto e da coleção Fotoportátil Hoje, às 19h, no Museu Histórico Abílio Barreto (Av. Prudente Moraes, 202, Cidade Jardim, 311 3277-8573). Entrada franca.